NOVELLAE OLIVARUM

ANO XIII NÚMERO 125 MAIO DE 1955

ROMA — SINAL DE ESPERANÇA — Fernando Melro 141
O TEMOR FILIAL DE DEUS NOS SALMOS — C. Duarte 149
ASPECTOS CRISTAOS DO PLATONISMO — A. Carrilho 152
A MAE IMACULADA 158
OS NOSSOS POBRES — A. Guerra 159
A DEVOÇAO A MAE DE DEUS NA RÚSSIA — P. Bilznetzov 162
LIVROS NOVOS 167
CRÓNICA — Alberto Neto 171

Novidade Literária

GUSTAVO CORÇÃO
A DESCOBERTA DO OUTRO

Prefácio do Dr. António Alçada Baptista

«Um pensamento e um estilo que bruscamente abrem um nova janela em nossas letras» (Tristão de Ataíde).

«Não é só em Chesterton que Gustavo Corção nos faz pensar... Vamos aproximar «A Descoberta do Outro» das «Confissões» de Santo Agostinho. Sim. e sem receio de cairem em exagero. Por mais de uma razão. São dois livros de sabedoria e amor. Dois roteiros da razão para a fé. Ambos descrevem a mesma luta pela conquista da certeza. Agostinho, vencendo as dúvidas filosóficas; Gustavo Corção, superando as probabilidades científicas. O que mais justifica a aproximação é o grande traço comum aos dois livros — o amor — levando Agostinho à Santidade, no meio da libertinagem do mundo romano, fazendo de Corção um dos novos apóstolos da verdade, no meio dos desregramentos da sociedade burguesa de nossos dias.» (Sousa Filho, em «A Gazeta» de S. Paulo — Brasil).

EDIÇÕES DA **SET**

SET - Sociedade Editorial «O TRABALHADOR»

Rua António Maria Cardoso, 68 — LISBOA — Telef. 35356

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — ABÍLIO TAVARES CARDOSO
Redactores — SEBASTIÃO ANTÓNIO RENDEIRO
— FERNANDO DA PIEDADE MELRO
Proprietário e editor — ANTÓNIO DE OLIVEIRA FRANGO
Administrador — ANTÓNIO AUGUSTO SOBRAL

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — BEJA — Telef. 268

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.a Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

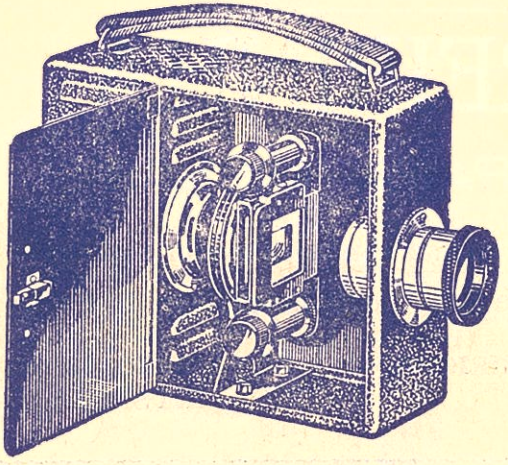
PORTO

Rua das Flores, 69

LISBOA

Praça dos Restauradores, 14

EX.MOS PÁROCOS, CATEQUISTAS, EDUCADORES:



Para o ensino adoptai o

CAMERAFIX

o projector que se impôs pela sua

luminosidade

simplicidade

economia

Funciona directamente em 220, 110 e 6 volts.

Filmes fixos portugueses

RELIGIOSOS

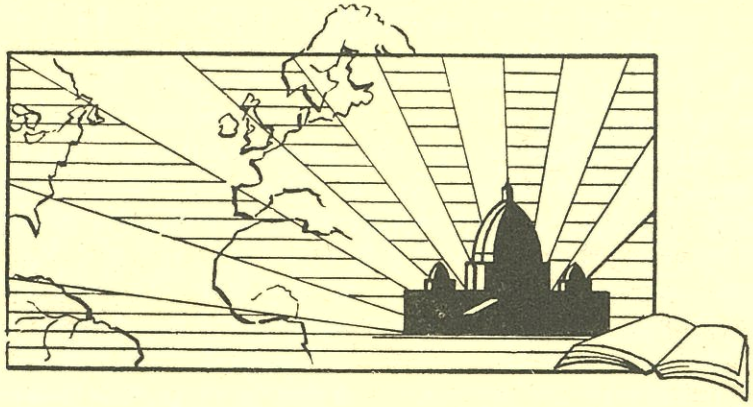
Santa Maria Goretti
As obras de misericórdia
Os 3 videntes de Fátima
Santo António de Lisboa
São João de Deus
O filho pródigo (parábola)
O bom Samaritano (parábola)
Os Sacramentos (colorido)

RECREATIVOS

O trinco da porta
Pedrinho, cabeça no ar
A história da Carochinha
O lobo e a cabaça
Cavalo fidalgo e burro invejoso
João pastor e o cão leal
A cigarra e a formiga
A garça e a raposa
O leão e o mosquito

ALPHA ET OMEGA

Rua Eugénio dos Santos, 76 - 2.º **LISBOA**



ROMA -- SINAL DE ESPERANÇA

. . . . . .

Ele dominará de um ao outro mar,
Do rio *(Eufrates)* aos extremos da Terra.

Diante d'Ele hão-de prostrar-se os seus inimigos
E morderão o pó os seus adversários.

. . . . . .

Terá compaixão do impotente e do pobre
E salvará a vida aos que vivem na penúria.

. . . . . .

Haverá abundância de trigo na terra;
Ao cimo dos montes, ciciarão as espigas como as florestas do Líbano.

(Salmo 71/8, 9, 11, 16)

O povo hebraico esperava. E a sua esperança fez-se poesia na boca dos Profetas. Ao contemplarem, na bruma das suas visões, as maravilhosas eras messiânicas, cantaram-nas como a idade do pleno triunfo sobre todo o mal que então oprimia o Povo Eleito. Distendendo o sentido acanhado das palavras humanas, a poesia — linguagem das coisas inefá-

veis — irrompeu nos salmos em chuva de imagens cuja realidade própria era transcendida . A esperança dos Profetas alargava-se para além do triunfo temporal, para além da Jerusalém davídica.

O povo hebraico esperava. Mas logo a sua esperança quedou rasteira no lado de cá das palavras proféticas e, fàcilmente, se transformou em mera cobiça. Quando viesse o Messias, (concebiam-no mais como herói do que como santo), eles ficariam donos do mundo, eles esmagariam a cabeça dos seus opressores, eles habitariam palácios salomónicos na Jerusalém restaurada pelo novo David. Por isso, quando Se fez Carne Aquele que, por obras admiráveis e palavras sapientíssimas, de Si-mesmo testemunhou que era o Messias, o Enviado, Ele os decepcionou. Antes não aceitá-lo, antes suspendê-lo duma cruz a reconhecerem o fracasso redondo da sua esperança. «Crucifica-O! Crucifica-O!».

Ora esse Jesus, pregado no madeiro nas vésperas duma Páscoa, dissera algures: — «O Reino de Deus está no meio de vós!» E comparou-O à semente de mostarda. Mal se vê quando a lançam à terra, mas logo germina e alarga os troncos para os céus. E, para que o Reino de Deus germinasse na Terra, escolheu o Crucificado um dos mais rudes filhos de Israel, um ignorado pescador do Lago Tiberíades, afirmando-lhe: — «Simão, Eu te digo que és Rochedo e que sobre este Rochedo edificarei a minha Igreja, e contra Ela não prevalecerão as portas do inferno.» *(Mat. 16/18)*

Ressuscitou o Filho do Homem e subiu aos Céus donde voltará naquele dia e hora que nem os anjos do Céu conhecem *(Mat. 24 / 36)* para julgar todas as gentes e, sentado no trono da Sua Majestade, estabelecer o Reino que para nós está preparado desde o princípio do Mundo. *(Mat. 25/31, sg.)*. Entretanto, Pedro, o Rochedo, ao leme da sua Barca, vai-A guiando no rumo dessa eternidade.

Esta a esperança cristã: — caminhamos para a plenitude do Reino de Deus. Esperança que não voga no vazio da incerteza porque o Reino de Deus está no meio de nós, realiza-Se em nós; porque assim nos mandou rezar o Mestre: — «Pai, venha a nós o Vosso Reino!» —; porque a nossa esperança tem dois mil anos de certezas.

Fome de esperança

Surgem romances que provocam celeumas nas cinco partidas da Terra, conquistam elogios e reverências, ganham as honras dos mais

famosos escaparates. Nascem filosofias que embriagam os espíritos, entusiasmam juventudes, revolvem e criam novos «*habitus vivendi*». Romances do desepero; filosofias do desespero. E o ídolo negro cresce quanto mais a sociedade julga melhorar-se por si própria. Naqueles países onde a Técnica tudo *euforiza*, a ironia inflexível das estatísticas demonstra que lá, precisamente, existe a mais elevada percentagem de suicídios. E, além do suicídio, há a revolta dos que desesperam de tudo que, até hoje, se propôs salvar o homem; há o neo-epicurismo dos cabarets, dos lupanares, dos filmes «provocantes»; há o estoicismo dos conformados, dos pacientes; há o embrutecimento das furnas, dos bairros de latas onde os homens são lama. O desespero criou uma ciência, uma arte, uma poesia, uma política. Reina sobre os homens como noite sem madrugada.

No entanto, a esperança está no meio dos homens, temo-la nós. Mas tê-la, possuí-la, quantas vezes não é mais do que retê-la, guardá-la avaramente. Possuimos; não somos possuídos. E é porque a esperança não nos possui que, solicitados pelos gritos à nossa volta, esmolamos aos famintos uma esperança diminuída, por isso mesmo inútil, falsa, retrógrada. Olhando para esses quase dois mil anos de certezas que são a História da Igreja, aos cristãos de hoje cabe apontar ao Mundo a esperança — caminho para a plenitude do Reino de Deus já começado na Terra quando o Verbo incarnou no seio duma Virgem e continuado com a Igreja de Cristo, *à qual Roma preside*, como escreveu nos inícios do 2.º século Santo Inácio de Antioquia.

Quando digo História da Igreja não digo que ela seja um capítulo da História Universal, como o não foi a História Sagrada dos Patriarcas e do Povo Eleito. Antes, é a História Universal que deve considerar-se capítulo da História Sagrada da Antiga e Nova Aliança. É a peregrinação da humanidade para o triunfo escatológico do Reino de Deus. Qualquer outra visão que a não projecte assim na eternidade torna-se acanhada e hesitante. Considerando-a exclusivamente como ciência do que passou, tiramos-lhe a vida, reduzimo-la à história esquelética do compêndio e do museu. A História é um valor teológico, uma teofania, um fundamento da nossa esperança. Olhemo-la assim, encimada por Roma onde o Vigário de Cristo continua ao leme da Igreja, invencível apesar de tudo. Do passado nos vem a esperança.

A «Parousia» — Bússola da Igreja

Ao espalharem-se pelo mundo, arrostando com as insídias dos homens, com as intempéries do oceano e com a fadiga das grandes caminhadas por montanhas e desertos, ao irem pregar o Reino que o Filho de Deus, Jesus Cristo, estabelecera na Aliança do próprio Sangue, os Apóstolos anunciavam a segunda vinda do Salvador para, enfim, dar pleno triunfo a esse Reino. «*Vem, Senhor Jesus!*» tornou-se uma das vulgares invocações do culto litúrgico, uma jaculatória frequente na assembleia dos santos. Com ela conclui S. Paulo a 1.ª Epístola aos Coríntios, escrevendo em aramaico — *Maran Atha* —, o que prova ser a expressão bem conhecida pela comunidade cosmopolita de Corinto. A mesma esperança na segunda vinda do Senhor, por Ele anunciada *(Mat. 19/18)* e que trará em consequência «novos céus e nova terra», aparece-nos em Rom. 8/21, II Petr. 3/13, etc.. Entre 70 e 90, antes de serem escritos os últimos Livros Sagrados, surge a «DIDACHÊ» *(«Doutrina do Senhor pregada às Gentes pelos Doze Apóstolos»)* como testemunha magnífica da esperança em que viviam os primeiros cristãos. A expectativa da vinda do Senhor serve ao autor anónimo para incitar os seus coevos ao fervor e mudança de vida. «Arrependei-vos e mudai de vida para que sejam apagados os vossos pecados, para que venham os tempos da consolação na face do Senhor e para que Ele envie Aquele que vos foi destinado, Jesus Cristo, a Quem importa que os Céus recebam até ao tempo da renovação universal, (da'APOCATÁSTASIS. *Act. 3/19-21)* — já assim pregara S. Pedro no discurso do Templo, após a cura do aleijado de nascença. «*Veni, Domine Iesu!*» — assim termina o último dos Livros do ciclo neo-testamentário.

Tão viva era esta consciência que logo espíritos menos ortodoxos, aqui e além, começaram a pregar fanàticamente a proximidade iminente do fim dos tempos, descobrindo sinais em tudo e acrescentando erros à verdade. O Montanismo, surgindo em pleno século II na Frígia (Ásia Menor) e logo estendido a outras Igrejas sobretudo a Cartago onde no século III (213) ganha para si o espírito fogoso de Tertuliano, excita os fiéis a uma exagerada mortificação, como a renúncia ao matrimónio, a multiplicação de jejuns, etc., acompanhando as suas pregações com cenas de falsos êxtases e pseudo-carismas a que um acentuado histerismo dava cor de profético. Dos seus dogmas fundamentais realçam o da vizinhança do

segundo advento de Cristo e o do milenarismo consequente ao primeiro. Outras seitas defenderam idênticos erros, e até ao século V encontramos em larga voga a doutrina milenarista que idealiza, mais ou menos rendilhadamente, um reino de mil anos sobre a Terra em que Jesus dará aos seus justos o cêntuplo daqueles gozos materiais a que na vida renunciaram. Tão peregrina fantasia, acerbamente atacada por Santos Padres e Sumos Pontífices, conseguiu, todavia, esgueirar-se através da História e encontrar sempre espíritos débeis ou esquentados onde deixasse o seu rastro de superstição. E não admira que «*profetas*» dos nossos dias dela façam propaganda como de remédio para o desconsolo que oferece o mundo de hoje...

Logo, porém, no segundo século a lídima espiritualidade cristã centra-se mais no sentido primeiro e etimológico da *parousia* — presença. Cristo, O que virá julgar bons e maus no fim dos tempos, vive já connosco numa tríplice presença pela graça recebida no Baptismo, pela «*fráctio panis*», e pela Hierarquia. Ser cristão é identificar-se com Cristo. A Igreja é a presença do Senhor. As Epístolas de S. Paulo, dirigidas às mais influentes comunidades cristãs e lidas aos fiéis nas reuniões litúrgicas do *dies Domini,* desenvolvem profundamente esta consciência da realidade plena da *parousia:* — a esperança na segunda vinda de Cristo preparada e antecipada na presente Vida do Seu Corpo Místico.

Assim a Igreja inicia a sua história. Igreja Apostólica, Igreja Mártir quer dizer Igreja da Esperança. Os três primeiros séculos de perseguição, bem longe de enfraquecimento, foram de conquista para a Igreja. *Sanguis Martyrum — Semen Christianorum.* O próprio Império, regado pelo sangue das suas vítimas, converte-se a Cristo. Desaparece a Roma dos Imperadores, surge luminosa a Jerusalém do Reino de Cristo na Terra, aquela aonde afluiem todas as gentes na esperança de verem despontar o Sol do Eterno Reino do Senhor. Roma — Sinal de Esperança!

Ocidente e Cristianismo

A Europa de hoje continua sendo, como a Europa de ontem, uma encruzilhada. Encruzilhada de povos desordeiros no século V; encruzilhada de ideologias caóticas no século vinte. Vieram do Oriente alanos e suevos, godos e hunos. Vem do Oriente o comunismo vermelho, a falange militarizada e com direitos internacionais do materialismo dialé-

tico, do ateísmo agressor. Não faltam trágicos áugures anunciando que do Oriente virão novas avalanches de povos, que a Europa será invadida por chineses e mongois. Assim como ante as invasões bárbaras a civilização romana caiu em destroços, asim hoje periclita a civilização ocidental.

Entretanto, ontem como hoje, Roma ergue-se ao meio da encruzilhada. A mesma angústia que, decerto, invadiu a cristandade romana vem hoje à boca de muitos cristãos: — Que será do reino de Deus? — O Império, feito cristão por Constantino e Teodósio, ruiu. E a civilização ocidental, que se diz cristã?

A Europa sob as hordas bárbaras foi salva, organizada e engrandecida pela acção de Sumos Pontífices grandes como Gregório Magno ou Gregório II. A origem das nacionalidades foi, primeiro que tudo, a conversão e a sedentarização dos povos. E foram os monges os seus mais acertados políticos, os seus únicos mestres, os que os afeiçoaram ao cultivo das terras e às indústrias artesãs. A Europa deve. mais a sua existência e hegemonia entre os Continentes aos grandes missionários que foram S. Remígio de Reims e S. Martinho de Tours em França, S. Columba, S. Patrício e Santo Agostinho de Cantuária na Escócia, Irlanda e Inglaterra, S. Wilibrordo e S. Bonifácio na Alemanha, Santa Ansgário na Dinamarca e Suécia, do que às espadas de Clóvis, Carlos Magno e Otão I.

Porém o reino de Deus não se restringe a continentes, raças, impérios ou civilizações. Pelo facto de o Cristianismo lhe haver dado aqueles princípios superiores que a tornaram a primeira das civilizações, não pode a Civilização Ocidental identificar-se com ele. A Igreja sublimou o Ocidente enquanto neste e por este se difunde sobre a Terra, num momento histórico (que, aliás, ainda não pode considerar-se pretérito), o Reino de Deus. Há, é verdade, uma dívida da Igreja para com o Ocidente por a ter ele servido com a sua cultura (todo o enriquecimento racional da Teologia, obra das grandes inteligências do Ocidente, é património da nossa Civilização, assim como é da Bizantina o esplendor da Teologia no Oriente). Deve a Igreja ao Ocidente o tê-la defendido com os seus exércitos do poderio dos muçulmanos de África e dos turcos de Constantinopla, o ter levado a Palavra de Deus a todos os continentes e terras que as suas caravelas descobriram. Mas entre a Igreja e o Ocidente não existe nem conveniência exclusivista, nem subserviência

mútua. Sempre que tal existiu ou *pareceu existir,* deu lição manifesta o fracasso. A história do século de ferro é negra como a noite sem luz, e, por isso mesmo, sem projecção alguma.

Não existe nem conivência nem mútua subserviência; existem os desígnios providenciais de Deus que inclui a colaboração dos homens na feitura do Seu Reino; existe a transcendência do Reino de Cristo a incarnar a todo o momento na História da humanidade. De Adão à vinda de Cristo a História caminhou sob o mistério brumoso da Profecia; depois da vinda de Cristo a História caminha sob o luminoso mistério da Incarnação.

Ainda que a Civilização Ocidental se mantivesse em ordenada submissão aos princípios evangélicos que a tornaram grande, ainda que pudesse nomear-se desafrontadamente «civilização cristã», a esperança, que hoje lhe é precisa, não poderia ser egoísta. Esperar em si era bem peor do que desesperar de si, porque, no primeiro caso, o movimento é para zero, e no segundo é do zero talvez para o infinito.

Mas a Civilização Ocidental atraiçoou o Reino de Deus a Quem servia. Traição foi a violência dos senhores medievais contra Roma; traição o naturalismo pagão que a Renascença fez ressurgir ao desvirtuar os únicos valores da Civilização Helénica que a Igreja recebeu e conservou; traição desmascarada a pseudo-reforma que dividiu a Cristandade e mais agigantou a luta de César contra Deus. A mesma traição encontramos quando as potências ocidentais, com a missão colonizadora nos mundos descobertos após o século XV, em vez de servirem o Cristianismo, serviram-se dele para estabelecerem a sua violenta hegemonia sobre outros povos e culturas com direitos inalienáveis. E a traição do Ocidente cumula com o fervilhar dos ideais racionalistas e ateus que sobre a História traçaram a senda, entre abismos, da Revolução de 1789 à Revolução bolchevista de 1917.

A Civilização Ocidental é bem culpada perante Deus; e Deus também castiga povos e civilizações, porque os seus pecados colectivos nascem do pecado de cada homem. A salvação do Ocidente não está em si própria, nem a merece de Deus por justiça. Só a esperança no Reino de Cristo, feito de misericórdia, é caminho de salvação. E tal esperança não exclui que se haja de morrer para se conseguir Vida nova.

O caminho é Roma

Não nos podemos alicerçar seguramente nas nossas condições históricas. São areia que o vento remove. A única esperança verdadeira é transcendente porque é transcendente o Reino de Deus, em nós realizado à medida que saímos de nós, da nossa limitação temporal e espacial para nos integrarmos em Cristo. Esperança cristã não é optimismo que sonhe em novas descobertas de Reinos de Preste-João e Índias de eufóricas especiarias. Esperança cristã exige renúncia, martírio. Foi a lição dos primeiros séculos; é a lição das cristandades além da Cortina de Ferro ou adentro da Muralha da China. Se esses milhares de cristãos não esperassem teriam fugido à morte.

«Venha a nós o Vosso Reino!» — E nós acreditamos, Senhor, que o Vosso Reino está connosco. O Vosso Reino está connosco desde o dia em que Vosso Filho tomou a nossa carne. Desde o dia em que o Vosso Filho subiu aos Céus para tomar assento no trono do poder e glória em que aparecerá para julgar vivos e mortos, o Vosso Reino está connosco. É a Santa Igreja, a Barca a cujo leme vai o Rochedo, livre, santo e infalível, num pontificado único de dois mil anos, que se prolongarão até que se satisfaça a prece dos primeiros cristãos: — *Vem, Senhor Jesus!* —

A nossa esperança está em Roma. Não na Roma que Nero incendiou, que Odoacro conquistou, mas na Roma, Cidade Eterna que está onde estiver o Papa.

A única esperança, que pode salvar o mundo, é a que o Papa nos mostra. As suas directivas sobre a questão social, sobre todos os problemas humanos não são mera panaceia para causticar as chagas da sociedade, ou discursos interesseiros na mira de um poder terreno. Os Papas pregam uma nova Ordem Social, um Humanismo plenamente integral porque o caos social ou aquilo que infra-humaniza os indivíduos é Reino de trevas levantado contra o Reino da Luz.

«Procurai o Reino de Deus e tudo o mais dar-se-vos-á por acréscimo».

Assim é a esperança que nos leva à redenção. Mas quantos fazem da esperança um desejo desse «tudo o mais»!

Apelo duma Esperança na lição de dois mil anos de certezas.

Como Gregório Magno perante a mesma Europa em descalabro, e a Cristandade de hoje, sob o Pontificado daquele a quem talvez os vindouros chamem Pio Magno, tem o seu caminho na Esperança do Reino de Cristo. Importa-lhe avançar com o mesmo cântico nos lábios:

TE DEUM LAUDAMUS! *Fernando Melro*

O TEMOR FILIAL DE DEUS NOS SALMOS

Fecisti nos ad te, Deus, et inquietum est cor nostrum donec requiescat in te... — é o grito de uma alma que sentiu bem aquele drama iniciado nos alvores da humanidade, cujo cenário é a árvore da vida e da morte.

O homem, criado à imagem e semelhança de Deus tem por centro de gravidade o Ser Absoluto, Eterno e Imutável. Todavia, tem em si o terrível poder de se desorbitar, precipitando-se, errante, de abismo em abismo.

De pés em chaga e mãos em sangue, busca então, às apalpadelas, uma saída das trevas em que se lançou. Porém em vão. — *Abyssus abyssum invocat* (Ps. 41/8). Mas Deus, porque a sua Misericórdia é eterna, não o abandona, e lança a este pobre ser errante a Sua Luz que é conforto, libertação, vida — a única luz que lhe dá a razão de ser, que lhe enche as dimensões de eternidade.

Algo se vai dizer relativo ao dom do temor de Deus que, em resumo, se pode considerar como a resposta à Aliança que Deus propõe ao pobre ser humano decaído. Trata-se aqui do temor filial e não do temor servil, isto é, daquele temor-dom que incute em nós uma filial reverência, uma absoluta sujeição a Deus, nosso princípio, nosso fim último, fazendo-nos viver portanto na virtude da religião.

Em quase todos os livros da Bíblia se fala do temor de Deus. Refiro-me aqui, em especial, ao livro dos Salmos.

Toda a Bíblia é devidamente inspirada, toda ela surgiu pela acção divina que fìsicamente moveu a vontade livre do hagiógrafo. Os Salmos, porém, dado o seu género literário, dada a ocasião e fim da sua composição, não só nos transmitem a palavra divina, como também nos fazem vibrar sobrenaturalmente — eles são poemas sagrados onde todos os sentimentos da nossa alma encontram profundas ressonâncias.

*

* *

Quem lê e medita os Salmos, deixando-se penetrar da sua sinceridade e piedade sente e verifica que a base das relações da alma com Deus é

precisamente o temor filial: — é o que em breves considerações se vai expor.

O temor do Senhor é o início da sabedoria (Ps. 110/10) (1)

Esta sabedoria é a atitude da alma que em tudo se quer conformar com a vontade divina, no abandono completo de quem sinceramente se voltou para o seu Deus e Senhor. E a alma quer prosseguir:

Ensinai-me, Senhor, o teu caminho, para que ande na tua verdade;
Dirige o meu coração para que tema o teu santo nome. (Ps. 85/11)

Temer a Deus na sinceridade de coração e na submissão reverente Àquele «cujo nome é santo e cuja misericórdia se estende de geração em geração naqueles que o temem» (Magnificat)

— é adorar a sua soberania absoluta e domínio omnipotente:

Toda a terra tema o Senhor,
e todos os que habitam o universo lhe prestem reverência,
porque Ele disse e tudo foi feito;
mandou e tudo existiu. (Ps. 32/8-9)

— é reconhecer a sua justiça e santidade:

O Senhor é justo e ama a justiça;
os homens rectos verão a sua face (Ps. 10/7)
...Tu não és um Deus que ame a iniquidade,
nem o pérfido habita junto de Ti (Ps. 5/5)

Assim adorando, assim reconhecendo, o salmista canta a fidelidade à Lei Divina, fidelidade que traduz a aceitação da proposta da Aliança. A insistência deste louvor da Lei, manifesta bem a consciênca de quem encontrou o verdadeiro caminho, o qual não pode ser outro senão Cristo. — Segundo S. Paulo a Lei é o pedagogo que, pela mão, nos leva a Cristo. (2)

Todo o Salmo 118 documenta admiràvelmente o que acabo de afirmar.

Feliz a alma que se firmou no verdadeiro caminho. Feliz a que fran-

---

(1) Prov. 1/7, 9/10; Eclesiást. 1/14.
(2) Gal. 3/24.

camente se abriu para a Luz Divina na rectidão de uma existência cristalina. Para ela Deus é íntimo e familiar:

O Senhor pousa os olhos sobre os que O temem. (Ps. 32/18)
O Senhor é familiar com os que O temem,
e mostra-lhes a Sua Aliança (Ps. 24/14)
Como um Pai se compadece dos seus filhos,
Assim se compadece o Senhor dos que O temem (Ps. 102/13)
Bem-aventurado és tu, quem quer que sejas, que temes o Senhor, que andas nos seus caminhos. (Ps. 127/1)

Não admira portanto que o autor sagrado convide para louvar a Deus precisamente os que se santificam no seu temor filial:

Vós os que temeis a Deus, louvai-O. (Ps. 21/24)
Exaltai, ó justos, no Senhor;
é aos rectos de coração que fica bem louvá-lo. (Ps. 32/1)

Escusado será apontar mais exemplos. Nos Salmos, poemas sagrados que põem a alma ao rubro no convívio com Deus, estabelece-se como base deste convívio íntimo e fecundo, o santo temor de Deus, na correspondência fiel à aliança que nos propõe.

Assim iluminado pela luz libertadora, e assim firmado no único centro de gravidade onde plenamente se realiza, o homem, na tranquilizadora convicção de ter dado à sua existência o verdadeiro sentido, será feliz já neste mundo e sobretudo na eternidade:

Bem aventurado o homem que teme o Senhor, e que põe as suas delícias nos seus mandamentos. (Ps. 18/9-10)

CONCEIÇÃO DUARTE

ASPECTOS CRISTÃOS DO PLATONISMO

A fascinação que o platonismo tem lançado nos espíritos humanos, através de todas as idades e mòrmente hoje, faz-nos pensar na observação de Schull: «contemporâneo de todos os tempos, Platão parece hoje mais actual que nunca».

A influência nas várias correntes do pensamento humano é flagrante: Descartes, Leibniz, Pascal, Malebranche, Berkeley, Bergson, Blondel, avultando entre todos o extraordinário Santo Agostinho, que jamais deixará apagar o facho desse fulgurante pensador. Tal facto levou-me a olhar mais de perto Platão, e particularmente a perguntar-me até que ponto se poderia entender a frase de São Clémente de Alexandria: «Platão é nosso guia para Cristo». Muito se tem afirmado àcerca das relações entre o platonismo e o Cristianismo. O entusiasmo pela doutrina do filósofo tem levado à tentação sedutora de o cristianizar, chegando-se até, na Renascença, à pretensão fanática de que fosse pregado em púlpitos cristãos. Evidentemente, têm aparecido exageros; contudo, o facto continua a ser aceite. Festugière, no prefácio ao seu livro «*Contemplation et vie contemplative chez Platon*», afirma: Longas reflexões sobre as origens da teologia mística preparam este livro. Parece-me, como aliás a muitos outros, a Clemente, Orígenes, Agostinho, que sobre este ponto a mensagem de Cristo dotou de vida nova um organismo pre-existente cuja estrutura remonta a Platão».

Firmado nestas opiniões, tentarei verificar como são verdadeiras, expondo «*os aspectos cristãos do Platonismo*». Repare-se, contudo, que não se trata de olhar Platão à luz total da doutrina católica, querendo ver nele um pensador católico, mas tão sòmente apontar o expoente de verdade natural que o Cristianismo há-de sublimar.

Permitam-se-me duas observações preliminares: 1) Torna-se de alto interesse para a compreensão do assunto, a distinção nítida entre dois platonismos diferentes; não entre duas doutrinas platónicas, mas entre duas facetas que se costumam apresentar: um platonismo racionalista, de tendência matemática, desencarnado talvez, e um platonismo espiritualista e místico. A natural tendência seria misturar estas duas visões. Não o faremos e, como é óbvio, não é ao Platão racionalista que vamos atender, antes ao espiritualista, ao «teólogo» (como se atreveu a chamar Santo Agostinho).

É desse filão que os Santos Padres e autores católicos extrairam aquela beleza e verdade que contém o platonismo.

Génio maravilhosamente intuitivo, espírito de profunda visão, atormenta-o muitas vezes a angústia de querer traduzir em expressões racionais a complexa realidade entrevista. É neste sentido, que interessa compreender o frequente uso do mito e da alegoria, admiráveis expressões artísticas do seu arrojo filosófico. Claro, se pegarmos materialmente nas suas palavras e nelas pararmos, trairemos, me parece, o pensamento platónico, e em vez de visões espiritualistas da verdade, deparar-se-nos-ão corpos sem alma e sem vida.

Sublinho o segundo factor; normalmente a doutrina de Platão é-nos apresentada, procurando seguir uma ordem lógica de ideias e dando-nos, por isso, a impressão de um sistema bem delineado, assente em princípios, de que resultam necessárias conclusões. Não, Platão, como aliás sucede à grande maioria dos filósofos, não teve em vista a formação de rigoroso sistema doutrinário, desenvolvido com coerência metódica e clara. Quem assim o olhar falseará necessàriamente a realidade. A filosofia platónica mais que sistemas de teses e conclusões, é expressão exaltada duma aspiração e grandeza de alma seduzida por um Ideal superior.

Contudo, a ele cabe a glória de ser o primeiro a encarar, em visão profunda

e de maneira tão perfeita, os problemas mais transcendentes da filosofia. Deus, alma, homem, destino temporal deste, conhecimento etc. Reduzo a dois os principais temas — Deus e o homem, e consequentes relações.

Frequentes vezes se tem chamado ao filósofo o «divino» Platão. Nenhum pensador pagão, de facto, falou de Deus numa linguagem tão elevada, e em alguns pontos tão recta. Platão aspirou ao divino, mergulhou no divino. Se todo o tender para o Absoluto, para a Verdade é, no fundo, um caminho para Deus, na Antiguidade ninguém mais que Platão encarou, com veemência e amor, Deus. É verdadeiramente admirável a sua teodiceia. E o que admira não é, sobretudo, a proximidade da doutrina cristã, porque ainda lhe fica a grande distância. O que admira é, sim, a grandeza do génio platónico que, por entre inúmeras concepções politeístas e os maiores erros de crenças religiosas, conseguiu romper e afirmar com evidência que Deus existe.

A fé inquebrantável fez-lhe dizer: «Quem poderá sofrer, sem indignação, ver-se reduzido à necessidade de provar que há deuses». (1) No entanto, desconcertam-nos algumas expressões politeístas como esta última, e estoutra: «Tudo está cheio de deuses» *(Leis)*. Ora nos fala de Deus, ora de deuses. No Timeu (38 a-416) por exemplo, faz referência a vários (mas esses, segundo se depreende do texto, nem sequer necessàriamente são puros espíritos, embora lhe chame deuses). No Banquete faz referência a uns «Daimonia» que são seres intermediários entre Deus e o homem, e transmitem a Deus as orações dos homens e d'Ele trazem as graças. (1) Além destes, surgem ainda os da mitologia popular.

Tal facto, segundo muitos autores, deve atribui-se a não querer ser acusado de revolta contra a pátria, tal como sucedera a Anaxágoras e a Sócrates, acusados de introduzir divindades novas. Além disso, acresce que se lhes refere (mitologia popular) com certa ponta de ironia.

Se aquelas nos supreendem, como não nos hão-de deixar suspensos estoutras: «*com o auxílio de Deus*», «se *Deus quiser*» e «*se alguma vez é preciso invocar a Deus, agora o devemos fazer, invoquemo-l'O, pois, com todo o ardor*».

Não quererão elas dizer algo de sincero? Sóuilhé afirma: «testemunham a fé profunda do filósofo na acção contínua de Deus no mundo, nas sociedades e nos indivíduos». (3)

Não é sòmente a doutrina do filósofo a respeito da existência de Deus que os autores cristãos admiram; mas, principalmente, as conclusões a que chegou sobre a sua natureza e seus atributos.

É questão muito controvertida entre os críticos, se pode ou não identificar-se o Ser Supremo de Platão com a ideia de Bem, que habita no mundo inteligível «causa de toda a ciência e de toda a verdade». (4) A este propósito Platão refere no diálogo «*República*»: «nos últimos confins do mundo inteligível encontra-se a ideia de Bem, que não pode perceber-se sem concluir ser ela a causa de tudo o que há de belo e bom no universo». (5) Identificar-se-á também com o Belo? Pelo que insinua o que acabei de transcrever, é de admitir que belo bom e verdadeiro são convertíveis com o Ser. Platão, aliás, exprime-o na «República» (VI, 507b): «bem e belo distinguimo-los pela linguagem».

Ao lado destes princípios supremos, fala também o filósofo do Demiurgo, criador, inteligência suprema, meio termo que permite à matéria bruta participar da beleza do mundo ideal.

---

(1) *Leis*, X, 887 c — Embora afirmando o que está dito, Platão demonstrou racionalmente a existência de Deus.
(2) *Banq.* 202-203 a.
(3) *Archives de Philosophie*, IV, pág. 568, 1926.
(4) «*Republica*», VI, 508 e.
(5) *Rep.*, VII, 517 d.

Será de admitir a identidade do Demiurgo com a Ideia de Bem, e, por consequência, com o próprio Deus? Cremos que sim: Os nomes diversos poderão não passar de meros símbolos, para marcar a diferenciação dos seus participados, ou então (opinião mais provável) Bem, Beleza, Verdade e Criador constituem os atributos divinos. Inclinamo-nos para esta última, seguindo o parecer de Henri Delsaute e do platonólogo alemão Zelber.

Mas se a ideia de Deus não brilha como o conceito da teologia cristã, impõe-se pelo espiritualismo vibrante que se manifesta em rasgos de perfeição, dignos do único e verdadeiro Deus. A Santidade, a suma Justiça, a Simplicidade, a Sabedoria, a Suprema Verdade, o Deus Eterno e sobretudo Providente, tudo Platão ensina na sua obra. A providência divina é o dogma proposto com mais clareza e defendido com maior convicção: tudo no universo se move, segundo a ordem admirável do governo de Deus, que cuida tanto das coisas pequenas como das grandes, afirma o filósofo num dos seus diálogos. «Lanças-te na impiedade, vendo os maus triunfarem nos seus negócios; não acuses Deus como causa do mal». «Deus é realmente bom e assim o devemos proclamar» *(Leis)*. Finalmente e, acima de tudo, Deus constitui o objecto de contemplação da alma: É este o Ser Supremo «perpétuo, que não nasce, nem morre, não cresce, nem diminui, não é belo numa parte e feio noutra, belo num tempo e noutro feio, belo sob certo aspecto e sob outro não, belo para uns e feio para outros; não tem nada que seja corpóreo, e não existe num sujeito distinto dele, mas existe em si mesmo na eterna unidade da sua essência. Dele participam todas as outras belezas sem que o seu nascimento ou a sua destruição lhe cause a menor diminuição, ou o menor acréscimo, nem o modifique em coisa alguma». (1)

Eis uma página sublime, eis a visão intuitiva de um génio, eis, sobretudo, a inovação meritória de Platão, eis, enfim, um dos elos da cadeia que prende o Platonismo ao Cristianismo.

Platão soube ver os lineamentos duma verdade que só a Revelação um dia fará brilhar: tudo o que existe, o universo, é o revérbero de Deus. O grau de participação da divindade é proporcional ao grau de ser: e o ser mais divino será o ser mais ser. Deus, viu-o também Platão, é o que é totalmente Ser. Andará muito longe este conceito daqueloutro da Revelação: «Eu sou aquele que sou»?

E o filósofo continua: todos os seres criados são participantes desse Ser Supremo, de Deus. É a teoria, conhecida pelo nome de participação das Ideias Eternas. Não admite a doutrina cristã a verdade de que todas as coisas têm algo de divino, e que tudo revela e faz pensar em Deus? As criaturas surgem-nos nesta magnífica visão como «reflexo de Deus» ou como já se disse, o «espelho onde Deus se contempla a si mesmo». O mundo aparece ainda, na frase de Berkeley, como a «linguagem em que o próprio Deus se expressa», e o trabalho do homem consistirá em saber compreendê-la. Não foi esta a verdade que S. Francisco de Assis viveu, e que a tantos poetas entusiasmou? Eugénio de Castro exclama:

> «Dos divinos prodígios nos terrenos
> um eco vemos só; e uma infinita
> ânsia de claridades nos inflama». (2)

Não será esta mesma verdade que Platão fez assomar na alegoria da caverna, quando mostra que o mundo em que nos movemos não passa de uma projecção sombria do mundo inteligível, supra-terreno?

«Isento de inveja, quis que tudo nascesse o mais possível semelhante a Ele.

---

(1) *Banquete*, 211 a — Platão refere-se ao «Belo em si mesmo» que identificámos com o próprio Deus.

(2) Poesia «*O Azeiteiro*», da *Fonte do Sátiro*.

Deus quis que todas as coisas fossem boas», (1) lê-se no Timeu. Na realidade todo o pensamento de Platão canta o exemplarismo divino. Como não descortinar na tão discutida teoria da Reminiscência, tal verdade? Nós só tocamos sombras e essas sombras fazem-nos lembrar a eterna luz que, por trás, as ilumina, e é sob essa luz que nós as contemplamos.

Santo Agostinho cristianizou o iluminismo platónico e não teve dificuldade em ver aí uma pálida imagem do Verbo de Deus «luz verdadeira que ilumina todo o homem vindo a este mundo», (2) luz das coisas, luz das inteligências. Lê-se nas Confissões: «Vós me pusestes nas mãos, Senhor, alguns livros platónicos, traduzidos do grego em latim. Neles li, não com estas mesmas palavras, mas numa impressionante identidade de sentido, que ao princípio era o Verbo e o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus». E prossegue: «lá encontrei que o Vosso Filho Unigénito, eterno como Vós, permanece imutável, antes de todos os séculos e que para serem bem-aventuradas, todas as almas recebem a sua plenitude. Porém, que morreu temporalmente pelos ímpios, O entregastes por todos nós, isso não vem naqueles livros» (3)

Sem dúvida, que a verdade total não se encontra (à luz da razão era impossível descortiná-la), mas o princípio está lá oculto e obscuro. E se, pois, é certo que a verdade é una, e o que o homem dela descobre, jamais Deus o destrói, antes sobre ela edifica mais e melhor, temos de afirmar que Platão deu um grande passo no Caminho da Verdade.

Eis, enfim, o mérito da teodiceia platónica e de Platão. Se não conseguiu afirmar *explìcitamente* a identidade entre Deus, Demiurgo, ideia de Bem e Beleza, se por vezes aparecem nos diálogos expressões aparentemente contraditórias, e se precisaria de clarificar muitas manchas ideológicas para se harmonizar com o Cristianismo, não nos é lícito negar o extraordinário avanço de Platão neste campo e teremos de lhe conceder a verdade já quando canta a perfeição e providência divinas, já quando, tocado pelo mistério do divino, voa na prossecução do Sumo Bem, da Beleza Suprema. Por sobre isto, creio que o maior valor do filósofo, para um cristão, reside no facto de a cinco séculos de Cristo, embora veladamente, ter aberto rasgados caminhos na descoberta da VERDADE, do Absoluto, numa palavra, de DEUS.

*
* *

Todavia, não é na concepção de Deus que o filósofo mais se aproximou da síntese cristã; foi,, sem dúvida, o estudo do homem que maior influência exerceu, e maior sulco de verdade deixou após si.

Uma filosofia verdadeira há-de acabar por pôr mais tarde ou mais cedo, interrogações sobre o que é o homem, e qual o sentido de tal figura estranha da natureza.

Na antiguidade clássica, o primeiro movimento da especulação filosófica incidiu sobre o mundo (período cosmológico, assim se lhe chamou). Não admira: a actividade do conhecimento começa semre por ser extrospectiva, só, depois, em relação a uma realidade o homem, por conhecimento reflexo, a si mesmo se descobre. Sócrates é o arauto que anuncia o desvio do rumo filosófico do mundo para o homem, lançando para a Grécia de então o lema: — «Conhece-te a ti mesmo».

Pelo que toca a Platão, o problema do homem preocupou-o desde o início e dominou-o totalmente através de tudo quanto nos legou. Com razão pode dizer dele o poeta:

«Eu ando a sondar das almas o mistério...» (4)

---

(1) *Timeu,* 28 d.
(2) *Ev. S. João, C*ap. I, 9.
(3) *Confissões,* Livro VII, 9.
(4) Eugénio de Castro, obra citada.

Procurarei examinar sistemàticamente as duas concepções, platónica e cristã, no que têm de aproximável, respondendo mais ou menos às perguntas:

1) — Que é, na sua estrutura essencial, o homem?

2) — Que ideal o norteia e como o realiza?

3) — Que termo o espera?

I — Para Platão a natureza humana é o resultado da união de uma substância completa — a alma (espírito puro) — com o corpo, «cárcere» tenebroso onde aquela se encerrou. Trata-se, por conseguinte, de união meramente acidental e afirma-se a prè-existência da alma ao corpo. O conceito platónico dá margem a erros incompatíveis com a concepção cristã: a unidade do ser humano fica destruída, desvaloriza-se sobremaneira o corpo que, para nós, cristãos, é um «templo do Espírito Santo». Se, em boa verdade, Platão cometeu tal erro e se, no fundo de cada falsidade, há sempre algo de verdadeiro ,examine-se essa parcela de verdade, da qual se aproveitaram os autores cristãos. É ela a alta supremacia da alma sobre o corpo, ou, como modernamente se vai dizendo, o primado do espiritual sobre o material. Sublinhou-a fortemente, a tal ponto que atingiu a violência do desdém: o corpo não passa de uma prisão em que a pobre alma expia uma falta incógnita. Da alma, diz Platão no Fédon: «é a que mais semelhança tem com o que é divino, imortal, inteligível, e mais se parece ao que mantém sempre de igual modo a sua identidade, Deus». (1) O paralelo com o Cristianismo, dá-o Santo Agostinho: «a alma é algo de espiritual, de incorpóreo, de vizinho da substância de Deus». (2) E que dizer da crença na imortalidade da alma, ponto bastante frisante da proeminência da alma sobre a matéria? Aponto-a só, mais adiante me referirei a ela expressamente.

Essa mesma preponderância da alma sobre o corpo, se verifica na doutrina sobre a prè-existência das almas. Houve um tempo, concebe o filósofo, em que o homem se encontrava livre de todas as misérias, limpo de qualquer mancha.

Nesse estado o homem não trazia este corpo de morte que suscita em nós «amores, cobiças, receios, imaginações de toda a sorte e tolices inúmeras». (3) Fruto de uma falta, a alma tomba das alturas e passa a habitar um corpo, a quem deve guiar e sobre quem deve manter o império. A vida anterior das almas descreve-a primorosamente Platão: «Contemplavam a beleza cujo fulgor deslumbrava, ...no gozo da visão beatífica, na posse da suprema beatitude, na plena integridade da sua natureza, isentas de todos os males, que as aguardavam no decurso posterior dos tempos; então eram puras e não as estigmatizava o ferrete sepulcral do que chamam corpo, que agora arrastam consigo, aderindo a ele como ostras às conchas». (4)

Alguns autores cristãos procuraram ver nesta teoria algo de parecido com o pecado original. Diz-nos a Bíblia que o homem, «criado à imagem e semelhança de Deus», era de grande perfeição, e que, consequência do pecado, a perdeu, passando a viver, em luta, num mundo diverso. Não há dúvida que o insinuam estas passagens de Platão, embora falhem na aplicação concreta, como é óbvio. Platão, tal como mais tarde diria Pascal, notou o mundo de contradição que é o homem; por um lado, a marca do divino, do perfeito, por outro, o sinete do falso, do imperfeito. «Observai-vos a vós mesmos e vêde se não encontrais em vós os caracteres vivos destas duas naturezas». (P a s c a l). Platão intentou uma solução, e a que achou, foi a da prè-existência da alma; o Cristianismo apresenta a queda original.

Ainda, neste capítulo sobre a alma, o filósofo fascinou os espíritos católicos

---

(1) *Fédon*, IV, pág. 49 — Edição da Atlântida.
(2) *En.* in ps. 145,4
(3) *Fédon*, I, pág. 18 (ediç. portuguesa).
(4) *Fedro*, 250 b-d.

sobretudo pela grandeza de espiritualismo. Deixo falar Étienne Gilson: «não há doutrina em que a independência da alma para com o corpo seja mais fortemente sublinhada. Os Padres da Igreja puderam encontrar no Fédon a espiritualidade da alma que lhes era necessária». (1) Convém, no entanto, acentuar o exagero do conceito de espiritualidade. A noção de espiritual, quanto à alma, caracteriza-a Platão como possibilidade desta existir e sob certo modo agir sem dependência extrínseca e intrínseca da matéria, ao passo que na filosofia cristã admite-se uma independência extrínseca do corpo.

É, pois, a concepção platónica da estrutura do homem, susceptível de correcções e aperfeiçoamentos, sobretudo no que diz respeito à afirmação da prè-existência da alma e da união acidental desta com o corpo. Só no Cristianismo se encontra o justo equilíbrio ao ser afirmada a união substancial da alma com o corpo e, principalmente, quando este se considerar como verdadeiro «templo do Espírito Santo».

(Continua)

ANTÓNIO CARRILHO

(1) *L'Ésprit de La Philosophie Médiévale,* pág. 174.

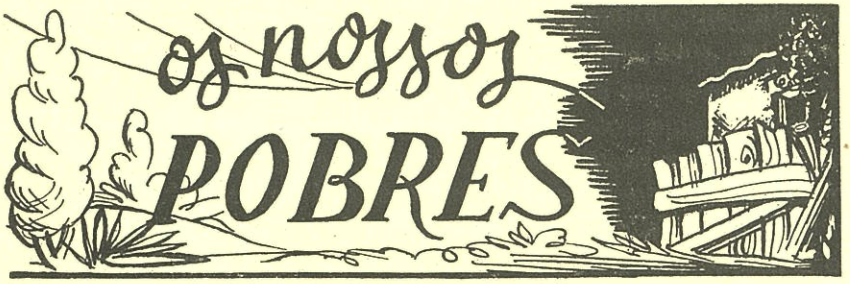
À MÃE IMACULADA

Senhora da Conceição
Toda bela e Imaculada!
Doirada Estrela! Clarão
Da mais fulgente alvorada!

Casto lírio de Beleza!
Botão de graça e candor!
Abismo de Luz! Princesa
Da Paz Divina e do Amor!

Senhora dos mil encantos!
Glória dos Anjos e Santos
Que o céu infindo contém.

Eu só Te rogo a esperança
De ser alegre criança
No teu regaço de Mãe!



«Depois... abandonei-me!»

Foi assim que ele fechou a sua história. O abandono dos outros já tinha sido. Quando chegou a casa, nem a mulher nem a filha.

A menina tinha treze anos. Um homem mau «desgraçara-a».

A mãe fugiu com ela por temer o marido. E foi ao voltar do trabalho que as vizinhas o informaram: «foram-se embora!»

Soube então da desgraça. Perdeu meses «a caminhar para a Justiça». Durante esse tempo não pôde trabalhar e gastou o pé de meia que conseguira fazer.

O sedutor foi condenado a dois anos de cadeia e cinco contos de «indemnização». A prisão foi substituída por dinheiro; e a indemnização nunca foi paga...

Adoeceu. No hospital, quase o cegaram. «Eu via bem quando para lá fui. Eles sabem que eu via bem!» E exalta-se quando fala nisto.

Os desgostos, a miséria e a fome, que desde há anos vem sofrendo, fizeram deste homem um farrapo.

Ele já viveu bem. Correu a França e a Bélgica. Frequentou uma escola profissional, tem diplomas. Conserva fotografias desse tempo e há poesias líricas datadas de Reims, Paris e Bruxelas.

Lá, era novo e feliz. Voltou: e, na Pátria encontrou a infelicidade. Por isso as palavras de maldição: — «maldita a hora em que resolvi voltar a Portugal».

A visão do passado faz-lhe sentir mais ao vivo a desgraça do presente. «Eu tenho vergonha, eu tenho nojo disto tudo»...

Mostrei a sua barraca. Não queriam acreditar que ali vivesse um homem. Ele também não acreditaria há alguns anos. «Quando já

não posso mais, saio e peço pão». Só pão, não aceita dinheiro. Tem vergonha. Resiste até onde pode. A fome que este homem tem passado! Fome de pão e fome de Justiça...

É esta fome que enche todos os seus pensamentos, que perpassa em todas as suas palavras.

Ele experimenta na sua carne a injustiça dos homens. O seu corpo é um grito contra esta injustiça e, junto dele, é impossível ficarmos em paz. Sentimos necessidade de acusar. Mas não podemos fazê-lo, sem que a nossa acusação recaia sobre nós próprios. Ao pé deste homem, sentimo-nos responsáveis pela sua desgraça. Torna-se quase palpável a dolorosa certeza do mistério da solidariedade no mal.

Não é só na aplicação dos méritos que a comunicação se realiza. Ao lado da comunicação dos santos, a comunicação do pecadores. A Graça e o Pecado.

Ali, naquela barraca, tenho experimentado até à violência a verdade da acção que os nossos pecados exercem no mundo. A iniquidade e a injustiça que o avassalam nascem deles.

Lá também, tenho visto que nunca o homem consegue habituar-se a um estado injusto. O pecado é sempre anormal ainda que frequente.

Quando se é vítima da injustiça, pode não se protestar mais, à falta de forças; mas, no coração, continua a gritar a inconformidade e a revolta.

É por causa desta revolta, que a missão do vicentino se torna difícil, delicada.

Como abrandar dores que só heróis suportam? Como apontar o caminho da Esperança que se estende por detrás da injustiça humana, a quem não conhece o Cristo Crucificado?

As cruzes, sem Cristo, continuam a ser sinais de infâmia, desesperantes. Sem Jesus, nada mais significam que encruzilhadas de caminhos desconhecidos. Ao encontrá-las, o viajante perdido só pode sentir-se desalentado. E se lhe lembram o sinal mais, este mais quere dizer, para ele, mais sofrimento, mais dor, mais desespero...

É preciso saber que Cristo esteve pregado numa cruz, para que à vista de uma cruz vazia, vazia para nós, a aceitemos com amor e esperança. Só o exemplo do Cristo consegue este milagre.

Por isso, quando vou àquele homem, sofro por não lhe saber apontar Jesus, por não ser capaz de o erguer até às suas chagas e deixá-lo aí. Só de lá, das chagas de Cristo, se descobre o caminho real, difícil mas lumi-

noso, que deve ser caminhado de sorriso nos lábios, embora os olhos se desfaçam em lágrimas.

No termo deste caminho, o saciar pleno da fome violenta, da sede escaldante de Justiça.

Oh doçura das palavras de Jesus na tarde das Bem-aventuranças!

A. GUERRA

A DEVOÇÃO À MÃE DE DEUS NA RÚSSIA

«O Nascimento, Morte e Subida ao Céu da Virgem Puríssima em corpo e alma, são para toda a Igreja Grandes Mistérios Cristãos... Ó gloriosa maravilha... Ó milagre admirável!...» (1)

* * *

No Oriente, desde tempos muito antigos, a «Regra de Fé» tornou-se «regra de Oração», e os livros litúrgicos russos reflectem-no com uma força excepcional. As grandes aquisições teológicas da Cristologia e Mariologia, contidas no Ocidente em inumeráveis obras teológicas, brilham no Oriente em inumeráveis textos litúrgicos para a maior edificação de todos os fiéis.

«Jesus, Divino Senhor de glória, que do teu seio nasceu por misericórdia, Ele te fez subir da terra com tua alma e teu corpo». (2)

«Deus, Rei de todos, te deu uma natureza superior: no teu Nascimento permaneceste Virgem; no sepulcro teu corpo fica imperecível; e teu Filho, Te dá a Ti, Sua Mãe, a honra e a glória de sua Divindade». (3)

Certos hinos em honra da Santíssima Mãe de Deus exprimem de tal modo as definições dogmáticas dos primeiros concílios ecuménicos, que se lhes chama com razão, em Liturgia, «Dogmatik».

A Rússia, desde longínquos tempos foi chamada «Casa da Santíssima Mãe de Deus» e não foi sem motivo que a catedral de Moscovo, no

---

(1) Versículo das Vésperas da festa da Assunção segundo os livros litúrgicos russos.

(2) Matinas de 14 de Agosto.

(3) Matinas de 15 de Agosto.

Kremlin, foi dedicada à Sua Santíssima e Imortal Assunção, e que, no célebre mosteiro das «Cavernas» (Petcherski), em Kiev, — este viveiro de monaquismo russo— por cima das «Portas Reais» da igreja principal foi colocada a imagem milagrosa da Assunção. A própria festa da Assunção é precedida de um jejum de duas semanas e é por isso que o mês de Agosto pode ser considerado o «Mês de Maria» para o cristão oriental tal com o mês de Maio o é para o Ocidente cristão.

Os russos têm um costume muito significativo: os pais, no dia do casamento de sua filha, abençoam a noiva com uma imagem da Mãe de Deus (geralmente em reprodução da imagem milagrosa de Nossa Senhora de Razan).

A quando do nascimento de um filho, os esposos acendem diante da imagem da Mãe de Deus as velas que em suas mãos sustentaram no dia do laço matrimonial. Se o filho está doente, a mãe, ante a imagem da Mãe de Deus, implora com fervor a Sua protecção. O filho cresceu e eis talvez chegada já a hora da separação, porque doravante deve tornar-se soldado. A mãe, trémula, abençoa-o com a imagem da Mãe de Deus, confiando-o à Sua protecção maternal; ao seu peito, com cuidado, ela põe, ao lado da cruz do seu baptismo, uma medalha da Mãe de Deus, rogando-lhe a ele que jamais se separe dela.

Poder-se-iam citar aos milhares os casos felizes em que roçou esta medalha sobre o peito do soldado e o deixou são e salvo...

A Mãe de Deus não aparece tão só como a protectora da família russa, mas também, em todas as manifestações nacionais, as imagens milagrosas da Mãe de Deus são sempre levadas à frente, como um escudo de salvação: imagens de Nossa Senhora de Iver, de Vladimir, de Razan, etc....

«Não temos outro remédio, nem outra esperança, senão em Ti, Soberana; Tu és nossa ajuda; em Ti esperamos e Te louvamos, nós somos teus servos e não nos envergonhamos de o ser...»

Quando da célebre batalha dos Russos com os Tártaros, em Roulikovo, em 1380, que teve lugar no dia da festa da Natividade da Mãe de Deus, no campo dos soldados russos encontrava-se a imagem da Assunção de Nosa Senhora. Tendo alcançado, contra um exército inumerável de tártaros, tão brilhante vitória, o grão-príncipe Dimitri Douskoi, em grata recordação do socorro evidente da Rainha do Céu, mandou construir junto do rio Doubenka um mosteiro dedicado à Mãe de Deus, ao mesmo tempo

que sua piedosa esposa Evdokia, não longe do seu palácio, mandou erigir uma igreja em honra da Natividade de Nossa Senhora.

Interessante, também, foi de outra vez a transferência da imagem de Vladimir para Moscovo: uma enorme multidão de pessoas ajoelhadas, com as lágrimas nos olhos, gritava e suplicava: «Mãe de Deus! Salva a tua Rússia!»

Segundo nota o cronista, não havia um só homem que não chorasse... e toda esta gente implorou de tal maneira os socorros do Céu que o feroz Tamerlan, aterrorizado por um sonho, com os seus inumeráveis exércitos, de mongóis retrocedeu perto de Moscovo e em breve abandonou as fronteiras da Rússia.

O povo russo, com a confiança de uma criança, corre para a Rainha do Céu.

Eis por exemplo, uma simples e boa mulher de Riazan que vai orar junto da imagem miraculosa de Razan, mas chega tarde — a igreja está já fechada. Então, ajoelhando-se jundo do buraco da fechadura, clama: «Nossa Senhora de Razan, salvai-me ao menos através deste pequeno buraco!...»

Isto é apenas uma graça popular mas que diz muito... E como fala ao coração russo a morte sublime de S. Serafim de Sarov, quando de joelhos rezava ante a imagem da Mãe de Deus!

Nas missas segundo o rito oriental ,é muito raro que as ladainhas não terminem por um hino de louvor à Mãe de Deus; sobre o altar, ao lado do Cordeiro (isto é, a hóstia) coloca-se um bocado especial de pão em honra da Mãe de Deus, e depois da Consagração, canta-se um hino majestoso à Virgem, o «Dostoino». É, se quiserem, a «Avé-Maria» segundo o rito Bizantino, repetida numerosas vezes, também no decorrer doutros ofícios. Há ainda ofícios especiais à Virgem «Akaphist», «Ranoun...). Todas as semanas, a quarta-feira (no Ocidente, o Sábado), é consagrado de um modo especial à Virgem.

*
* *

E que nos reserva a Rússia actual, à luz de tudo o que se acaba de dizer? A Mãe de Deus tem ainda agora os seus fiéis, temos disso provas notáveis. Mas quantos são? Só Deus sabe. A Igreja lá, está nas catacum-

bas e não está formada, longe disso, de elementos sempre unidos entre si. Trata-se de manifestações, independentes em lugares diferentes, do sentimento dos fiéis qu podem dar graças a Deus se, às vezes, têm a felicidade de encontrar um sacerdote clandestino.

O poder castiga-os severamente quando os descobre, mesmo em toda a história do Cristianismo seria difícil encontrar uma situação tão bárbara como a destes fiéis. Houve seguramente maiores crueldades, mas nunca houve uma rede de espionagem tão bem montada à qual é dificílimo e às vezes impossível escapar.

O poder encoraja de todos os lados a Igreja oficial; é o seu instrumento, na pessoa do actual Patriarca de Moscovo, mas o povo não está com ele...

E o que esta Igreja de Staline escreve no seu jornal «Patriarcado de Moscovo», em particular sobre a Mãe de Deus, parece mais uma acomodação forçada ao sentimento do povo do que a expressão da sua vontade.

«(Cristo) não tinha nem tesouro, nem outros bens terrestres para deixar a sua Mãe. Fala-lhe doutra casa. E que tesouro incompreensível Ele lhe entrega nestas poucas palavras, quando Lhe afirma ser a Mãe do Seu discípulo e na sua pessoa, a mãe de toda a Humanidade. «Não chores minha Mãe! em consolação faço-te Mãe de todo o género humano. Confio ao teu coração, ao teu amor, toda a Humanidade resgatada pelo meu sangue! Não ficarás sòzinha. Terás um descendência inumerável para a qual não haverá maior alegria do que chamar-Vos Mãe. E para Vós desde agora não haverá outra preocupação que não seja enchugar as lágrimas aos teus filhos que são atribulados e choram ».

«E a Mãe de Deus se tornou desde então a mãe de todos aqueles que a rodeiam, continuando esta obra pela qual Seu Filho vivu sobre a terra. Ela tornou-se a alegria de todos os aflitos, como com ternura e amor A invoca o coração dos fiéis ortodoxos numa das suas santas imagens.» (1)

Assim, embora indirectamente, podemos julgar do amor inflamado. que o povo russo testemunha ainda actualmente à Rainha do Céu.

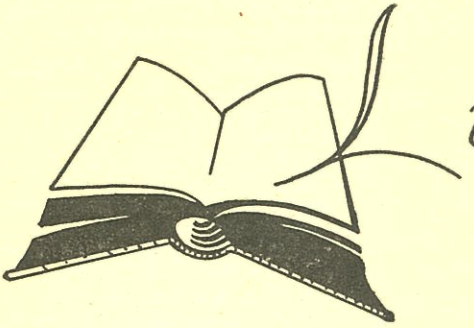
---

(1) N.º 3 do Jornal do Patriarcado de Moscovo — Moscovo 1947 — pág 29 — do Sermão do Metropolita Nicolas.

É por isso que a Mãe de Deus apareceu na extremidade oposta da Europa, em Fátima, em Portugal, e convida todas as crianças a rezar pela Rússia tão provada. A Rússia será salva... O mundo inteiro será salvo! «Senão ela espalhará seus erros pelo Mundo», disse a Mãe de Deus em Fátima...

Mas este sopro diminui. Já há muito tempo este povo sofre um fardo superior às suas forças...

P. PAVEL BLIZNETZOV



Livros novos

Simão Pedro (1)

Georges Chevrot

Propôs-se a «Colecção Éfeso» «oferecer aos leitores de língua portuguesa um conjunto de obras primas sobre a consciência espiritual do nosso tempo». As obras já publicadas demonstram como o tem conseguido. A última — «Simão Pedro» de Georges Chevrot — é mais uma confirmação.

O autor não apresenta, como poderia deduzir-se do título, uma verdadeira biografia de S. Pedro, pelo menos nos moldes a que estamos habituados. Toma, evidentemente, as passagens mais importantes da vida do Príncipe dos Apóstolos, nas suas relações com o Mestre, e desta maneira dá-nos dele um verdadeiro retrato moral. Mas vai mais longe; faz doutrina. E de que maneira! A base, são essas passagens da vida de S. Pedro e os ensinamentos do Divino Mestre. Mas depois expõe-na com aquela firmeza e vigor próprios de quem sabe o que quer e o caminho que pisa, atitude tão necessária hoje para combater o indiferentismo, a moleza, que afinal é falta de carácter (num sentido mais lato, evidentemente), de que nos vemos rodeados por todos os lados.

Um pequeno exemplo bastará para comprovar o que fica dito:

Aproveitando a passagem do Evangelho em que Jesus ordena a Pedro e aos que com ele estavam que, depois de uma noite de trabalho sem quaisquer frutos, de novo lancem redes à água, (2) o autor escreve: «O segredo de todos os progressos e de todas as vitórias é, na verdade, o saber recomeçar, o tirar ensinamentos de um fracasso e o tentar de novo» e um pouco mais adiante: Quereríamos ser perfeitos... Quereríamos...! É o funesto condicional dos inconstantes. Os que triunfam são aqueles que só conjugam o verbo *querer* no presente. Eu quero. Eu quero os meios porque quero o fim. Eu quero sempre mesmo que o resultado demore a ser obtido. Eu quero ainda, mesmo que os resultados sejam insignificantes, nulos e até adversos». (3)

É, sem dúvida, um livro da nossa época.

Esperamos que a «Colecção Éfeso» continue.

A. Teixeira Dias

Appels au Seigneur (4)

L. — J. Lebret

Não é um *devocionário* o livro que apresentamos embora o constitua uma longa série de orações, ladainhas, etc..

---

(1) Colecção Éfeso. Lisboa, 1955.
(2) Luc. V-4.
(3) *Simão-Pedro,* pág. 16-17.
(4) Les Éditions Ouvrières, Paris, 1955.

Com ele o P.e Lebret reage até audaciosamente contra a estagnação, o amolecimento que certos divulgadíssimos devocionários provocam na piedade cristã.

«Este livro — lê-se na introdução — tem, apenas, o fim de ajudar os cristãos de hoje, e particularmente os militantes e eclesiásticos, a emanciparem-se da sensaboria de tantas orações irreais, para que atinjam uma oração bem autêntica, bem fortemente arraigada na vida, situada nos quadros concretos do mundo de hoje».

A presença dos cristãos em todos esses quadros da vida actual é urgência que não sofre réplica. Nem a tem calado o P.e Lebret nas suas obras anteriores. «Appels au Seigneur» surge necessàriamente na mesma linha, precavendo o cristão de acção contra o maior perigo de fracasso: a ausência de Deus da *presença* do cristão. Se não vivemos na presença de Deus, a nossa está falhada.

A oração é precisamente o colocarmo-nos perante o Senhor. Mas para quantos ela se torna um frio desfiar de palavras na escassez duns momentos mal roubados a um dia cheio de provações, de exigências, de apelos à presença cristã; para quantos a oração se desvirtua não sendo mais que «a recitação dum texto definido» a que se atribuem infalíveis virtudes», uma tentativa de por egoísmo, colocar o Deus do seu lado ao jeito dum negócio.»

Com desassombro o P.e Lebret chama a atenção para o que na oração é autênticamente acto religioso e o que não passa de gesto inútil sem consistência. Para isso, afora as excelentes páginas da Introdução sobre a oração impetratória (a que o livro é pricipalmente consagrado), junta-lhe um apêndice com numerosos textos, sobre o mesmo asunto, de S. Cipriano, Santo Agostinho e S. Tomás de Aquino.

Todavia, o que há de maior interesse em «Appels au Seigneur» são precisamente as muitas orações que o P.e Lebret sugere não para que sejam recitadas «*dans leur lettre si maladroite*» (aliás em muitas é beleza, e não inépcia, que encontramos...), mas sim para que inspirem ao leitor a sua oração pessoal e lhe descubram a admirável riqueza de orações que tem a Igreja.

Há mais do que originalidade nas orações do P.e Lebret. Se temos por originais os agradecimentos a Deus pela luz eléctrica e pelos transportes rápidos e pela técnica que tudo facilita, ou as súplicas pelas gentes desconhecidas das selvas indianas e pelos funcionários estandardizados dos U. S. A., é nossa a falta que desligamos a vida cristã do nosso dia feito de momentos insignificantes, que esquecemos as responsabilidades universais da caridade.

O autor confessa a sua ousadia aqui ou além; e nós reconhecêmo-la. No entanto, achamos razão para ela. De muito interesse é, por exemplo, o «rosário para cada dia da semana». Diz o P.e Lebret:

«O Rosário associando-nos mais intimamente a Cristo Jesus e fazendo-nos decorar as lições do Salvador, pode fornecer ainda mais matéria á meditação e à contemplação, ao mesmo tempo que pode inserir-se melhor e mais concretamente em nossa vida actual». E, para isso, alarga as três séries de «mistérios» para tantas quantos dias da semana, de modo que, de domingo a domingo, o cristão pode meditar pelo rosário em todo o Santo Evangelho.

Completa a longa série de orações uma desenvolvida apresentação do Sacrifício da Missa, «o único sacrifício válido, o de Cristo, no qual o nosso deve inserir-se para que a nossa religião seja eficaz».

Encontram-se explicações e diálogos que podem utilizar-se em Missas com assembleias de militantes da A. C..

«Appels au Seigneur» é não só um livro útil para a espiritualidade dos cristãos responsáveis, como também um livro que a competência literária do P.e Lebret, a sua experiência colhida em tantas viagens através de todos os mares, o seu entusiasmo e desassombro na reivindicação da justiça social, tornaram densamente humano ao mesmo tempo que agradável e nada hermético. Convém, apesar de tudo, que o leitor não francês desconte ao autor o seu

francesismo altamente acentuado que, uma vez ou outra, desfoca certas realidades.

F. Melro

Comentários de Actualidade sobre os Evangelhos dos Domingos (1)

Cardeal Lercaro

Nunca será demasiado felicitar as Edições Paulistas pelo seu esforço em prol da boa imprensa. Num louvável espírito de apostolado têm surgido periòdicalmente obras de valor, editadas pela Sociedade de S. Paulo. Basta recordar a edição dos Evangelhos que, devido ao preço acessível, permitiu levar a palavra de Deus até aos mais recônditos lugares das nossas paróquais rurais. *(Novellae Olivarum,* n.º 121, pág. 29).

O livro que hoje nos ocupa é, sem sembra de dúvida, uma obra de valor e actualidade. Sabemos como a maior parte dos nossos cristãos estão longe daquele grau de cultura e formação religiosa que os torne capazes de tirar do Evangelho toda a sua riqueza espiritual.

Há que facilitar-lhes o contacto com bons comentadores em língua vernácula. Só assim se conseguirá cimentar o nosso esforço apostólico.

O livro do Cardeal Arcebispo de Bolonha se bem que não seja obra de especialidade — o autor dá-nos a razão disto no prefácio — tem a vantagem de uma obra séria e ao alcance do grande público. Numa linguagem despretenciosa, mas actual e comunicativa, vai comentando os evangelhos dominicais, sabendo sempre tirar deles aspectos novos adaptados à mentalidade hodierna. Este o seu grande mérito.

Óptimo auxiliar dos párocos não perde de modo algum o interesse para os nossos cristãos tão pouco afeitos ao verdadeiro alimento sobrenatural.

Pena é, de facto, que a apresentação não coresponda totalmente ao valor intrínseco da obra. A capa, por exemplo poderia ter um aspecto mais sóbrio e elegante que nos julgamos no direito de exigir em futuras publicações da Sociedade de S. Paulo.

Alberto Neto

Padre Novo (2)

Gaston Courtois

A transição quase brusca da vida do Seminário para a vida do apostolado no meio do mundo é, para todos os neo- sacerdotes, motivo de graves apreensões. São, por isso, sempre acolhidos com grande entusiasmo os livros que sirvam de guia prático e de conselheiro prudente, principalmente quando saiem de pena e do coração de alguém a quem a experiência de longos anos de apostolado, ensinou a maneira prudente e eficaz de tratar com as almas em todas as circunstâncias da vida apostólica.

É desta natureza a tradução portuguesa de «Jeune Prêtre) há pouco aparecida entre nós. É seu autor um grande nome que já há muito se impôs devido não só ao grande número de obras de carácter religioso e formativo que o seu coração verdadeiramente apostólico fez aparecer, mas principalmente pela alta categoria de muitas delas. Basta dizer que o P. Gaston Courtois é o autor do famoso livro de espiritualidade sacerdotal «Face au Seigneur», para que a sua memória perdure como grata recordação no meio eclesiástico.

O presente livro não é, de modo algum, um compêndio de espiritualidade sacerdotal. É antes (aliás o autor tem o cuidado de o indicar em subtítulo) um conjunto de notas de pastoral prática, simples mas bastante completo, pois não esquece nenhum dos aspectos da vida do novo sacerdote, quer da sua vida pessoal e das suas relações sociais, quer

---

(1) Edições Paulistas, Lisboa, 1955.

(1) Distribuído pela Livraria Manuel de Oliveira — Lisboa.

da vida pròpriamente apostólica e dos múltiplos e delicados problemas que esta reveste, desde a sua acção essencialmente espiritual como são a pregação e a administração dos sacramentos, à acção predominantemente humana como conselheiro e guia das novas gerações e organizador de colónias de férias. Nestas páginas palpita todo o viver concreto duma actividade eminentemente sacerdotal, nos seus mais variados campos de acção. Para todos eles, o autor tem uma norma prática a emitir, um conselho a dar. É digno de especial louvor a maneira objectiva e insinuante como tais notas estão redigidas, o que prova suficientemente o dedo de alguém que tem da vida sacerdotal e dos seus problemas um profundo conhecimento experimental e já há muito se familiarizou com a nobre e grave tarefa de tratar com as almas.

Quase me atreveria a chamar-lhe um «pequeno manual de casuística pastoral».

Daqui a sua grande utilidade e, ao mesmo tempo, a atracção e interesse que a sua leitura desperta em todos aqueles que sinceramente desejam dar com entusiasmo e segurança, guiados por mão de mestre, os primeiros passos da vida sacerdotal.

Se é verdade que o autor escreveu para ambiente um pouco diferente do nosso, as normas por ele apontadas são de útil e necessária aplicação também entre nós embora um ou outro capítulo, uma ou outra regra de conduta, seja mais de aplicação local.

É, por isso, muito de aconselhar a todos os que estão prestes a entrar na vida apostólica a sua aquisição e leitura e a todos os jovens padres a sua consulta frequente servir-lhes-á de guia fiel e conselheiro prudente nas momentos de dúvida, e de conforto nas horas de desalento. Um livro deste género é digno de figurar numa estante sacerdotal.

J. Mendes

A caminho do Altar (1)

Uma das grandes necessidades para o rapaz que sentiu a chamada para o sacerdócio, deverá ser, sem dúvida, uma boa orientação nos primeiros passos da vida, em nada isenta de dificuldades, que inicia ao entrar no Seminário.

Será portanto de grande utilidade para o principiante este volume que agora aparece som o sub-título de «Pequeno guia para os alunos dos seminários menores».

Sem pretender de modo algum ser uma obra de grande profundidade, o que aliás não seria aconselhável atendendo à idade a que se destina, tem no entanto a qualidade de poder esclarecer o rapaz sobre os vários aspectos da vida de Seminário, mostrando-lhe o recto caminho a seguir em ocasiões porventura embaraçosas.

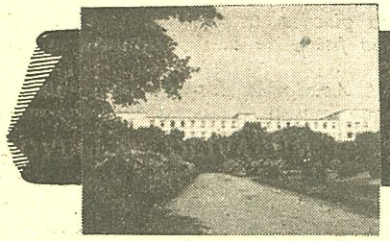
Das cinco partes de que se compõe a obra, é especialmente a que respeita à vida de piedade que se encontra mais desenvolvida e aquela que se nos afigura mais bem cuidada e criteriosamente tratada. Tem igualmente um interesse particular a que se refere a relações sociais.

Quanto à apresentação gráfica da capa, de modo algum podemos aprová-la.

Cremos que a Pia Sociedade de S. Paulo, a quem devemos prestimosos serviços, poderia desde já encaminhar-se para uma actualização da apresentação dos seus livros e esta dentro dos mesmos princípios de economia.

No caso presente teria sido de louvar um emprego mais contido de cores e especialmente, a omissão do desenho, que é expressão duma piedade inconsistente e duma ausência total de virilidade.

João Bentes Pimenta



CRÓNICA

A nossa Páscoa

Mais uma Páscoa nos nossos curtos anos de seminário. Mais um dia que o Senhor fez e que só dentro do plano do seu amor infinito pode ser compreendido.

Estivemos com o nosso Patriarca em todas as cerimónias da Sé.

Percorremos, neste tríduo pascal, passo a passo, o mistério da Cruz e vimo-lo desabrochar no clarão resplandecente do círio pascal, símbolo luminoso da nossa Páscoa de 1955.

Não se pouparam a esforços os nossos superiores para nos fazerem participar mais intimamente nas riquezas infinitas desta santa quadra.

As conferências do Senhor Cónego Neves, ilustradas com belas fotografias a cores fizeram-nos evocar os principais lugares de Jerusalém que a presença e o sangue de Cristo tornaram santos e veneráveis. Mais que simples conferências foram meditações profundas a florirem em preces e cantos curtos mas fervorosos.

As palavras e explicações do Senhor P. José Ferreira além de nos comunicarem sempre o entusiasmo da sua alma artista, ajudaram-nos a abrir horizontes mais largos e mais rasgados porque mais conformes à visão da Igreja.

Na Sé os sermões do Senhor Cónego Dr. António Rodrigues acordaram em nós o desejo de um cristianismo mais autêntico porque bebido nas claras exigências do Evangelho e no conhecimento verdadeiro dos graves e escandalosos problemas do nosso tempo.

— A festa íntima, que momentos antes da grande vigília Pascal se realizou no ginásio, preparou o ambiente para o grande mistério. Começando por uma parte de gravação e projecção, terminou com a representação do mistério da Paixão, de Henri Ghéon. Que profunda lição de Cristianismo! Mais uma vez bailou ao de cima o estilo inconfundível do grande convertido: profundidade, arte, naturalidade inexcedível.

Impossível falar em teatro da Paixão com mais elegância e equilíbrio.

Em cada pormenor a sua alma profundamente religiosa. Em cada nada a sua simplicidade de criança.

A interpretação foi equilibrada e correcta, Mais uma vez a Academia de Filósofos mostrou o seu bom gosto.

E assim se chegou ao grande momento.

Dele, não rezará já a crónica porque não é qualquer que sabe falar deste mistério sem dizer banalidades.

Pelo cronista falou a voz enamorada do Patriarca de Lisboa.

Recordai as suas palavras no Pontifical da Ressurreição.

Nelas a humildade de quem se abre à graça, nelas a esperança de quem já a possui, nelas o transbordar do amor que o peito não sabe já conter.

Aprendamos com o grande mestre a abrir a alma às torrentes da graça de Cristo.

Vários

Esteve entre nós o Sr. D. João Venâncio Bispo Auxiliar de Leiria, no seu cargo de Visitador apostólico dos Seminários do Sul do País.

— Foi nomeado presidente da Conferência de S. Vicente de Paulo o aluno António Alves Guerra do 3.º ano de Teologia.

— A nova direcção do Círculo Missionário é assim constituída: Presidente

— António Marques Garcia, Secretário — Alberto Augusto T. Dias, Tesoureiro António Barbosa, todos do 2.º ano teológico.

— O mesmo Círculo Missionário tem realizado com frequência as suas reuniões.

— Quando recomeça o campeonato de voley?

— O Sr. Dr. João Couto veio falar-nos sobre arte numa das costumadas palestras de domingo à noite.

— Também o Sr. Cónego Manuel Luís nos falou das belezas artísticas da Sé Patriarcal.

— A adoração nocturna no lar conta já entre nós vários membros.

A este respeito veio falar-nos o Sr. Padre Francisco Wakers.

— No primeiro encontro de futebol da 3.ª época o 3.º ano de Teologia ganhou ao 2.º ano Telógico por 2-0. Golos de Francisco Tiago um dos quais de penalty.

— Esperamos para breve a inauguração da piscina. O calor já dá sinais de si e os fatos de banho esperam a sua hora.

— A Academia prepara com cuidado algumas exposições de arte integradas na semana da cultura.

— O Seminário recebeu com alegria mais 3 alunos durante a 2.ª época. Dois tinham terminado já com distinção um curso superior. O terceiro terminara o Liceu.

A todos o Senhor pediu a doação completa.

— Com alegria foi recebida entre nós a notícia da nomeação de cónegos dos dois Rev.os Superiores: P. José da Costa Falcão e Dr. António Azevedo Pires.

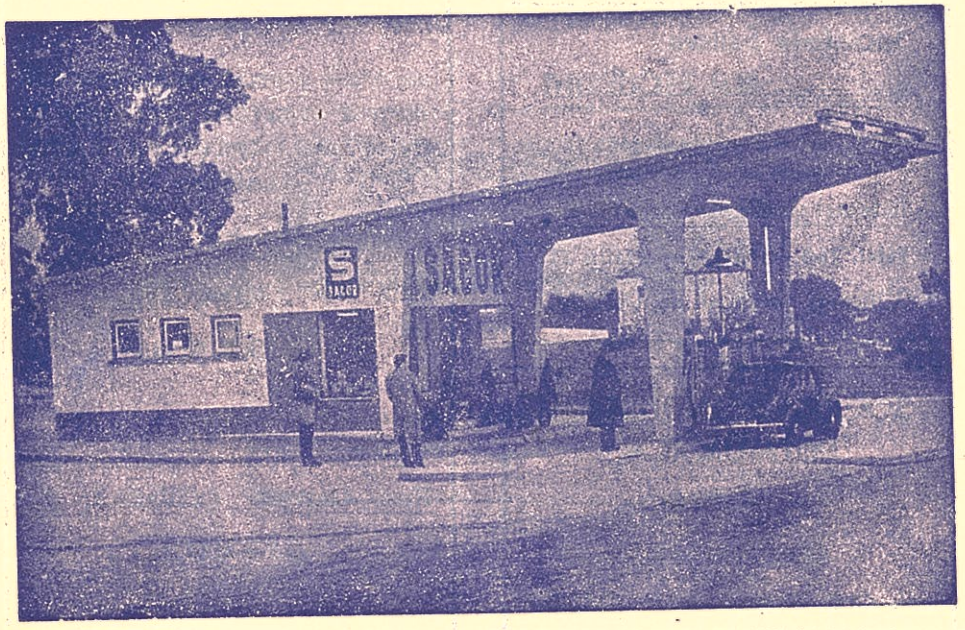
— Também a Santa Sé elevou a dignidade do Cabido Patriarcal o Rev.mo Cónego Gregório Neves. Os nossos parabéns.

Alberto Neto

SACOR

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação

Um esforço diário de
800
Portugueses



SACOR

EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícos de cor

DESCONTOS E PRAZOS

Covilhã

Sociedade Editora

ALA ESQUERDA

Composição e impressão de Jornais Livros e Revistas

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

Telef. 268 - BEJA - Apartado 25

(Oficinas Gráficas da Diocese)

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 LISBOA

OURIVESARIA

ALIANÇA

Verdadeiro atelier de arte, conhecido no País e estrangeiro.

As mais especializadas oficinas para a esmerada confecção de todos os objectos do culto católico

Rua das Flores, 191 a 211

PORTO

Rua Garrett (Chiado), 50

LISBOA

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 **RUA DO OURO, 166 a 170**

Lustres — Lanternas — Placas - Castiçais - Lâmpadas Suspensões

Banheiras - Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS AQUECIMENTO ELÉCTRICAS

CASAS DE BANHO CENTRAL CONTRA INCÊNDIOS

PÁRA-RAIOS ASCENSORES TELEFONES

VENTILAÇÃO

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

Sociedade de Tapeçarias, L.da

ESTOFADORES E DECORADORES

Rua Augusta, 126 - 130 Tel. 26669

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.

Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

Tecidos pretos R.M.

PR. DOS RESTAURADORES, 13 - LISBOA

Lanifícios pretos, meias de algodão lã e Nylon

Concedem-se facilidades de pagamento sem aumento de Preço



REVISTA DOS ALUNOS
DO SEMINARIO DE
CRISTO-REI / OLIVAIS